

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

ANA PAULA GOMES

**ALGUMAS REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS NO ROMANCE
*INCIDENTE EM ANTARES***

CURITIBA

2013

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

ANA PAULA GOMES

**ALGUMAS REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS NO ROMANCE
*INCIDENTE EM ANTARES***

Monografia apresentada ao programa de Pós-graduação em Literatura brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção de grau de especialista. Área de concentração: Literatura brasileira.

Orientadora. Profa. Dra. Naira Nascimento

CURITIBA

2013

No romance histórico, portanto, não se trata de relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizam. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa.

(LUKÁCS, Gyorgy. O Romance Histórico, 1936)

Via de regra, não se empregam nesses compêndios as cores intermediárias, pois os seus autores parecem desconhecer a virtude dos matizes e o truísmo de que a história não pode ser escrita apenas em preto e branco.

(VERÍSSIMO, Érico. Incidente em Antares, 1971)

RESUMO

Por meio do maravilhoso e de alegorias fantásticas artistas (re)significam períodos históricos. Norteando-se em teóricos sobre o Romance Histórico como Seymour Menton e Gyorgy Lukács, sem dispensar a historiografia, temo possibilidades de compreender que Romances Históricos, como este em nossa pesquisa, torna-se fundamental para o conhecimento e ressignificação histórica com base naquele que sofreu a história, que fez parte da história e, enfim de quem fez história. No Romance Histórico é possível perceber a falta da cronologia, no entanto, há possibilidades de diálogo entre esta e a historiografia. Como isto foi representado em *Incidente em Antares*. É a pergunta a ser respondida nesta pesquisa.

Palavras-chave: Romance Histórico. Representação histórica. Patriarcalismo. Autoritarismo.

ABSTRACT

Through the wonderful and the fantastic allegories, artists (re)signify historical periods. Guided by Historical Novel theoreticals as Seymour Menton and Gyorgy Lukács, without dispensing historiography, we have the possibility to understand that Historical Novels like this in our research, become fundamental for the knowledge and historical resignificance based on those who suffered the story, who were part of the story and ultimately who made History. In the historical novel we can perceive a lack of chronology, however, there are possibilities for a dialogue between this and historiography. How was this represented in *Incidente em Antares*. It is the question to be answered in this research.

Keywords: Historical Novel. Historical representation. Patriarchy. Authoritarianism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. REPRESENTAÇÕES DO PATRIARCALISMO.....	5
2. O PATRIARCALISMO E A SUA CONTINUIDADE HISTÓRICA.....	7
3. O INCIDENTE.....	11
4. O ESQUECIMENTO DO POVO PARA MELHOR GOVERNAR.....	19
4.1 É PROIBIDO DIZER.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
6. REFERÊNCIAS.....	29

Introdução

Os anos 1930 a 1964 marcam uma política, majoritariamente, populista, uma política paternalista, de pensamento autoritário e o clientelismo foi fundamental para a manutenção do Estado. Neste sentido, nos propusemos a analisar este período de forma social, política e econômica, porém não com material somente historiográfico, pois não é somente a historiografia que conta a história de uma sociedade, de uma nação. Faz-se necessário que pensemos que, a história está em cada indivíduo que participa da história e diversos romancistas históricos se propõe a demonstrar este outro viés histórico. Pautando-nos no romance histórico: *Incidente em Antares*, 1971, de Érico Veríssimo (1905 – 1975) que amplia algumas críticas de tal período. O romance histórico representa em suas histórias, não somente a história dos grandes vencedores. Representa, também, a história dos vencidos, da sociedade comum, a qual participa ativamente das alterações sociais. Gyorgy Lukács, afirma quanto ao romance histórico: *No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram.* (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Podemos compreender que *Incidente em Antares* seja um romance histórico, porque ele mapeia, conscientiza, satiriza alguns símbolos nacionais e ao mesmo tempo, conscientiza as pessoas sobre questões históricas essenciais para a Nação. Seu foco demonstra ser 1973, mas o autor para chegar a este período, contorna outros momentos, para que nossa compreensão não seja rasa, mas sim profunda, ou seja, ele demonstra por aspectos também históricos o porquê de alguns sofrimentos sociais. Esta forma de escrita o teórico Lukács (2011) demonstra ser a *pré-história do presente*

Érico Veríssimo expõe diversas situações, que sob um olhar descuidado, pensará somente no sentido ficcional, porém, esta pesquisa constatará, por meio de comparações, reflexões que Veríssimo contribui para a reconstrução histórica do Brasil, de comunidades, de pessoas, pois não é conveniente que enxerguemos o progresso somente como algo material. É necessário que pensemos no progresso interno, social, humano, pois a evolução não ocorre somente nos campos de batalha, nas revoluções. Antes disso, necessita ocorrer internamente. Lukács (2011), ao descrever como isto acontece na França, comenta que a Revolução

Francesa ocorre porque os homens estavam preparados para tal acontecimento, principalmente porque foi o país que mais absorveu os sentidos do Humanismo.

O progresso deixa de ser visto como um progresso na luta essencialmente anistórica da razão humanista contra a razão feudal absolutista. Segundo essa nova concepção, a racionalidade do progresso humano é desenvolvido de modo cada vez mais acentuado a partir do conflito interno das forças sociais na própria história. (LUKÁCS, 2011, p. 44).

O romance histórico, segundo Gyorgy Lukács, em sua obra intitulada *Romance Histórico*, 1936, traduzida para o português brasileiro em 2011, obtêm seu início com Walter Scott (1771-1832). Walter Scott a partir de influências e compreensão da história da Revolução Francesa escreve seus romances, influenciado pelo desenvolvimento social. Lukács afirma, com o apoio da filosofia de Hegel, que a revolução e o desenvolvimento histórico não se opõem (LUKÁCS). A história faz parte da vida do homem, influencia seus pensamentos, suas atitudes, enfim, sua própria história.

Por muito tempo a história foi pano de fundo de alguns romances. Nas últimas décadas do século XX esta concepção de escrita foi se alterando. Este lugar, segundo alguns pesquisadores de romances históricos como Seymour Menton, analisa que o lugar romântico da história abordado por Scott agora é local de questionamento, de busca de identidade dos próprios fatos históricos, ou seja, a dessacralização é fundamental para a releitura do passado. Menton, em sua pesquisa *La nueva novela histórica: definiciones e orígenes*, 1993, elenca definições sobre o romance histórico Latino-Americano. Observa-se que algumas dessas definições encaixam-se em *Incidente em Antares*, principalmente quando o pensador expõe que podem ocorrer acontecimentos absurdos numa ficção histórica, mesmo porque seria praticamente impossível captar, de forma completa, a verdade histórica- *la imposibilidad de conocer la verdad histórica o la realidad; el carácter cíclico de la historia y, paradójicamente, el carácter imprevisibili de ésta*. (MENTON, 1993, p. 42).

Em outro momento, o pensador também comenta sobre a existência de personagens históricos conhecidos em ficção historiográfica. Neste último caso temos em *Incidente em antares* o povo sendo o grande protagonista da história de Veríssimo, temos também Getúlio Vargas e depois alguns personagens simbólicos:

os grandes oligárquicos, os patriarcas, revolucionários e algumas cenas que retratam também a questão do gênero feminino no Brasil de 1930-60. No primeiro caso, no qual Menton aponta o absurdo em ficção histórica, é representado, na obra em questão, no próprio incidente ocorrido em Antares - os mortos voltarem conscientes para reivindicar o direito de estarem mortos com dignidade -, ou seja, serem enterrados.

Tentaremos resgatar na obra alguns pensamentos de que o Brasil não conseguiu desvencilhar-se. No entanto, em outra face de Brasil, conseguiremos perceber progresso intelectual após a conscientização da história. Lukács afirma que houve uma evolução intelectual na França após a Revolução Francesa. O autor afirma que após este período houve uma “racionalização” obtida na sociedade francesa. Isto ocorreu porque eles, os franceses, foram os que mais absorveram as ideias intelectuais do Iluminismo. As ideias ocorridas após este período eram improváveis dentro de um regime Absolutista Feudal. A Revolução Francesa obteve este êxito pelo fato de o povo participar de todo o processo que logo estaria fazendo parte da França. A mudança da história, o processo histórico estava fazendo parte daquelas pessoas e, se isto ocorre, há interferências em cada indivíduo.

Neste sentido podemos fazer relações com a evolução intelectual e cultural no Brasil, ocorridas dentro do período 1922 a 1950 – o Modernismo, período pelo qual o Brasil começou a ser reconhecido pela sua própria arte. Não mais se copiavam as artes estrangeiras e as inseria no Brasil, mas sim se fazia uma arte nacional, ou seja, esta transição foi primordial para o Brasil aprimorar-se como Nação. Arvorece uma Nação mais crítica, mais revolucionária. Neste período, houve repressões quando o Brasil se demonstrava na música, no teatro, nos livros, em partidos ou grupos sociais com pensamentos revolucionários. Estes acontecimentos deram luz à evolução, à racionalização. As mudanças eram frutos do pensamento das pessoas que aqui viviam e lutavam pelos seus direitos. Se houve evolução intelectual na França após a Revolução Francesa, pode-se afirmar que houve também uma evolução intelectual, uma racionalização durante os períodos que correspondem os anos 20 até a década de 80 do século XX. Este período, mas principalmente a década de 80, segundo Menton, também coincide com a revelação, ou o surgimento do Novo Romance Histórico latino-americano. Ele confessa que um dos fatores que poderiam ter motivado as publicações do Novo Romance Histórico é

a aproximação do período dos quinhentos anos da entrada de portugueses na América. Analisa também, que o Romance Histórico coincide com a queda do regime autoritário em alguns países da América Latina. Para nos recordar, então, a obra *Incidente em Antares* foi lançada em 1971 e Erico Veríssimo coloca sua lente literária nos anos 30 até 1967.

Incidente em Antares é constituída em duas partes, mas, iremos nos focar mais na segunda parte. Pois neste lado da obra está dissecada a hipocrisia da sociedade, a política, as denúncias de maus tratos realizadas pelos militares e pelo Estado para com o seu próprio povo, sendo o pensamento patriarcal, um dos motivos destes desastres.

1. ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DO PATRIARCALISMO

Lukács (2011) compreende que para um romance histórico constituir-se como romance histórico, se faz necessários existir na ficção uma “concreta pré-história do presente”. Para Veríssimo abordar a data de 1963, que demonstra ser o período mais importante a ser pensado na obra, ele contorna 145 anos de Brasil e um pouco da história gaúcha. Pois a pré-história do presente significaria o presente sofrer pelas questões históricas do passado.

O patriarcalismo é representado pelos homens da família Campolargo e Vacariano. Francisco Vacariano começa a fazer parte da cidade antes mesmo desta ser reconhecida como cidade. Em meados de 1830 não havia uma cidade, mas sim um povoado, chamado Povinho da Caveira. Ele tem toda a autoridade de alterar seu nome para Antares, o qual foi sugerido por um cientista, que colhe e analisa as diversidades brasileiras e está em sua companhia. O cientista informa ao Sr. Vacariano que Antares é o nome de uma estrela, este aprecia o nome e a sabedoria do cientista. Os Vacarianos são tradicionalistas e “reinavam” em Antares até a chegada de Anacleto Campolargo, em 1878. As duas famílias são símbolos da oligarquia, da economia e da política nacional.

Na obra há uma linhagem sucessora destes patriarcas. Ao morrer o primeiro patriarca, Chico Vacariano, o qual morre ao saber que *a sua ideia mais cara*, elevar Antares a categoria de cidade, foi realizada por seu inimigo, Anacleto Campolargo. Logo após Anacleto Campolargo também falece, picado por uma jararaca.

Antares foi separada de São Borja e elevada à categoria de cidade e sede de município, por lei provincial de 15 de maio de 1878. Ora, esse fora um dos projetos mais caros a Chico Vacariano, agora já próximo dos oitenta anos.... Chico Vaca caiu morto, fulminado pelo que o médico de São Borja diagnosticou como um “ataque de cabeça do brabos”...

Dezembro chegou, a cidade preparava-se para as grandes comemorações quando se espalhou a notícia de que o velho Campolargo, que estava na estância, fora picado por uma jararaca, tendo morrido em menos de meia hora, apesar das benzeduras de suas negras e das ervas e unguentos de seu curandeiro bugre.

Assim, quando entrou o ano de 1879, os dois grandes clãs de Antares tinham à sua frente novos chefes. Benjamim, o caolho, era o patriarca dos Campolargos e Antão, o maneta, o maioral dos Vacarianos – dois quarentões na força da vida. Ambos haviam jurado em silêncio, junto aos cadáveres paternos, continuar aquela luta da família até ao fim do Tempo. (VERÍSSIMO, 1971, p. 13-14)

Neste sentido tentaremos analisar como as famílias, Campolargo e Vacariano significam o pensamento patriarcal e tradicionalista brasileiro e expressam algumas dificuldades de extirpar este pensamento retrógrado de nosso país. As consequências desses pensamentos patriarcais atinge o social, pois poderemos perceber nas próximas páginas e na história de nosso país, que durante longas datas eles foram responsáveis pelo bem estar social, no entanto o pensamento patriarcal é individual e não social. Florestan Fernandes afirma que quando há o pensamento totalmente tradicionalista e patriarcal atinge o social, pois estes pensamentos não são sociais, mas sim individuais. (FERNANDES, 1972)

O Brasil sofreu, ou ainda sofre por sua história rural e colonial. Em alguns momentos parecia frustrar-se com tentativas de deixar de ser colonial, em outro momento se frustrava por que não conseguia deixar de ser rural. Em 1850 a 1888, houve uma tentativa de industrialização, porém, alguns destes desejos foram esfacelados quando encontravam mentalidades escravocratas, patriarcais e tradicionalistas. Sérgio Buarque de Holanda em sua obra *Raízes do Brasil* nos conta algumas mazelas que contribuíram para a falta de avanços democráticos:

Eram dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como o racional se opõe o tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o cidadão e cosmopolita ao regional ou paroquial. A presença de tais conflitos já parece denunciar a imaturidade do Brasil escravocrata para transformações que lhe alterassem profundamente a fisionomia. Com a supressão do tráfico negreiro dera-se, em verdade, o primeiro passo para a abolição de barreiras ao triunfo decisivo dos mercadores e especuladores urbanos, mas a obra começada em 1850 só se completará em efetivamente em 1888. (HOLANDA, 1995, p 78)

O pensador coloca o Brasil nesta posição porque somente com outras ideias e outros ideais poderiam fazer com que o país se regenerasse socialmente. Infelizmente o país escolhe o caminho mais árduo, que é manter-se na posição em que já estava, pois somente após o estabelecimento de leis que forçavam e puniam pessoas que facilitavam embarcações de navios negreiros, que se deu fim a escravidão no Brasil. Apesar de anos de luta contra o envio de negros ao Brasil os senhores ainda continuavam com a mesma mentalidade, pois não conseguiam perceber a dignidade social do outro, no caso do ser negro.

A cena da abolição da escravatura foi narrada da seguinte forma em *Incidente em Antares*:

Quando, anos mais tarde, a Princesa Isabel assinou o decreto em que se abolia a escravatura no Brasil, Antão Vacariano disse a seus familiares que esse “ato de loucura” ia precipitar o fim do Império. Foi com relutância que, pelo menos formalmente, liberou seus escravos. Ora, Benjamim Campolargo, que havia alguns anos fundara o Grêmio Republicano de Antares, exultou com a notícia da Abolição, e mais tarde soltou vivas e foguetes ao saber que a República fora finalmente proclamada no Brasil.

Durante dias Antares esteve em pé de guerra. Mulheres e crianças foram proibidas de sair à rua. Na praça trocaram-se insultos e tiros. As vidraças do prédio do Grêmio Republicano foram partidas e balaços por monarquistas enraivecidos. Um petardo explodiu contra a porta da resistência dos Vacarianos. Houve cabeças quebradas e outros ferimentos corporais, leves uns, graves outros; morte, porém, nenhuma. (VERÍSSIMO, 1971, p. 14)

Podemos observar que o autor descreve o fato histórico, a Abolição, e expõe algumas reações. Neste caso pode-se perceber que o patriarca Vacariano se declara um escravocrata, um patriarca que não admitiria mudanças em seu país, pois como iria governar pessoas sem mandá-las? Como seria seu país e a sua própria vida após esta absolvição dos seus escravos? Já Benjamim Campolargo é um republicano, no entanto ainda continua com as mesmas práticas políticas. Ambos governam para elite e algumas vezes para a nova classe social que estaria surgindo com a industrialização do país.

2. O PATRIARCALISMO E A SUA CONTINUIDADE HISTÓRICA

Até 1930 os Vacarianos e Campolargos eram inimigos declarados e algumas maldades que ocorrem entre as famílias são relatadas. Getúlio Vargas foi a Antares conversar com a oligarquia do município, antes de ganhar sua candidatura como presidente. Encontravam-se os dois, Xisto Vacariano e Benjamim Campolargo no mesmo ambiente, além de Getúlio Vargas, que solicitou, gentilmente, a paz entre as famílias, pois desta forma os mesmos poderiam providenciar um acordo para angariar votos na região a favor de Getúlio. Fizeram as pazes e morreram. Exatamente, morreram, pois o ódio, a rivalidade era imensa e insuportável para conseguir realmente renunciá-lo. Simbolicamente estava dada a ascensão ao país contra a oligarquia. Getúlio utilizou o seguinte discurso para convencer os coronéis: *O mundo se encontra diante da porteira duma nova Era. Essas rivalidades entre maragatos e republicanos serão um dia coisas do passado. Precisamos pacificar definitivamente o Rio Grande para podermos enfrentar unidos o que vem por aí...* (VERÍSSIMO, 1971, p. 34)

Em 1930, Getúlio Vargas assume o poder como Presidente da República e a oligarquia cafeeira, liderada por Minas Gerais e São Paulo, a conhecida política café-com-leite, começa a decair. O Estado se responsabiliza por uma grande parte da produção cafeeira. No Nordeste e São Paulo são inseridos tenentes para cuidar e fazer um atendimento uniforme das necessidades das regiões, uniformizar alguns planos econômicos, apresentação da nacionalização de indústrias, transportes e comunicação. O lema parecia ser: uniformizar para centralizar.

Era necessário contar com um governo federal centralizado e estável. Dissociando-se claramente dos pontos de vista liberais, defendiam o prolongamento da ditadura Vargas e a elaboração de uma Constituição que estabelecesse a representação por classe, isto é, a representação de empregadores e empregados, ao lado da representação individual. (FAUSTO. 1995, p. 341)

O intuito de Getúlio, ao inserir estes tenentes nos estados, era fazer com que o predomínio das oligarquias se findasse. No entanto os tenentistas acabaram fazendo as vontades das oligarquias. O tenentismo deu certo por algum tempo em algumas regiões do Nordeste. Entretanto, em São Paulo, onde a comunidade encontrava-se politicamente mais ativa, houve revoltas e a Revolução de 1932, contra este tipo de procedimento do governo. Observa-se com Getúlio a tentativa de “emancipar” alguns estados que ainda eram dominados pela oligarquia, principalmente, a oligarquia rural, pois nos anos 30 a economia brasileira ainda era, predominantemente, agrícola. Florestan Fernandes expõe isto como “complexo econômico colonial”. Após a “revolução burguesa” brasileira, o Brasil continuava agrícola e a grande parte da economia continuava em mãos de poucos. Sendo assim o Brasil se mantinha “atrofiado”, pois, se a renda não é da maioria, como estabelecer igualdades econômicas e também de poder sendo que o mesmo ainda se mantinha em mãos dos grandes mandatários, autoritários? Florestan esclarece:

Onde prevalece o “complexo econômico colonial”, a diferenciação das atividades produtivas de comercialização e de distribuição atrofiam-se incontrolavelmente, engendrando uma espécie de desenvolvimento de tipo “ganglionar”, que restringe o progresso às regiões e aos círculos sociais que se beneficiam da concentração social de renda ou do crescimento econômico urbano. (FERNANDES. 1972, p. 126)

O desequilíbrio social-econômico visto a olho nu no Brasil é exposto também na obra de Veríssimo e representado pela comunidade esquecida chamada

Babilônia. Nesta comunidade, as pessoas comem restos das refeições jogadas no lixo pelas outras famílias de Antares; a maioria é analfabeta, o esgoto corre sem preocupações pelas ruas de pedra. Os “pró-homens” de Antares, como são nomeados pelo narrador algumas vezes, envergonham-se daquela realidade quando vista por visitantes, mas nos demais dias nem mesmo lembram-se de sua existência. O nome Babilônia nos faz remeter a antiga civilização da Babilônia, grandiosa, da Antiga Mesopotâmia. A região da Babilônia era rica e inteligente, fez irrigações antes nunca pensadas. De forma irônica este nome é bem escolhido para representar as faltas políticas, muito diferente da antiga Babilônia, assim como a falta de brilho que a estrela Antares poderia lhe dar.

O crescimento econômico não existe para a maioria dos povos proletariados, os quais se encontram nas poucas indústrias existentes no país, ou no meio rural. O pensamento não é social, mas sim individual. Então conseguimos visualizar o perverso “crescimento social brasileiro”. Neste sentido podemos concluir que o crescimento econômico não existiu, porque não há uma valorização social entre os homens e entre si. O crescimento é mais importante para si, não para o social. Os mesmos homens dos círculos conservadores acreditavam na democracia, porém, da forma deles, acreditavam que a democracia era utilizar seu poder a favor de si e de acordo com suas convicções. O governo, ainda associado aos grandes donos de terras, a oligarquia, também parecia crer na democracia, mas acreditava na democracia em que eles ditavam as regras, juntamente, com os grandes mandatários. O sociólogo Florestan Fernandes afirma, que o Estado associado às oligarquias não permitia pensamentos modernos e democráticos existirem, pois o que daria certo mesmo, de acordo com sua política de “mandonismo”, era agir solidariamente, pensamento moderno e o tradicional, para o capitalismo dar certo:

Onde tais interesses gravitam em torno do “complexo econômico colonial”, a aceitação da ordem social competitiva é meramente nominal; no fundo, prevalece nos círculos conservadores associados a esse complexo a convicção inabalável de que a democracia significa liberdade para o mais forte usar o próprio poder de acordo com seu arbítrio, interesses ou conveniências. Onde aqueles interesses giram em torno do “complexo econômico urbano-industrial”, aparecem gradações que evidenciam a operatividade parcial ou total dos requisitos jurídico-políticos da ordem social competitiva, tudo dependendo das pessoas, situações ou obrigações envolvidas; como para os círculos conservadores associados a esse complexo é vital resguardar formas mais ou menos espoliativas e anti-sociais de acumulação de capital, para eles a democracia adquire um significado análogo ao anterior. Isso mostra porque as elites “tradicionais” e

as “modernas” atuam solidariamente no plano político. Apesar das divergências provenientes da diversidade de categorias econômicas a que pertencem, a identidade funcional de seus interesses sociais, na presente conjuntura econômica, compele-os a atuar solidariamente no plano político. Em virtude dessa convergência de interesses, que tenderá a se anular com o desenvolvimento do capitalismo industrial, não existem diferenças entre as elites “tradicionais” e as “modernas”, pois ambas põem em prática as mesmas propensões à concentração social da renda e o abuso do mandonismo. (FERNANDES. 1972, p.134.)

Podemos perceber que estes dois grupos assolam qualquer atitude de outros grupos que possuem pensamentos libertários. Os grupos de pensamento libertário poderiam até existir. No entanto a maioria das pessoas, neste período, nem mesmo tinha um pensamento político formado, apenas concordavam. Neste período o índice de analfabetismo no Brasil chegava a 56,8% de 10 anos ou mais idade, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas ou IBGE, o qual demonstra o Censo demográfico de 1940 com comparações do ano 2000. A partir deste dado podemos refletir que seria quase impossível alguma manifestação destes mesmos 56,8% contra o governo, sendo assim o grupo que tinha um pensamento libertário dificilmente seria apoiado pelo outro grupo, o qual era manipulado pelo governo. Reconhecemos que o governo Vargas foi responsável por um grande avanço no que se refere à educação básica e investimentos em universidades nacionais, no entanto ele continuou com o mesmo pensamento político anterior, a política antidemocrática, a política do mandonismo, a política do poder econômico contra os proletariados:

Em consequência as aspirações de classificação e de mobilidade sociais dos outros setores da sociedade, especialmente a dos trabalhadores agrícolas e o dos operários, ficam condenados a um bloqueamento compacto e a uma frustração sistemática. (FERNANDES. 1972, p. 134)

O não acesso a uma economia decente à sobrevivência, a educação, dentre outros aspectos fundamentais à vida acabam conduzindo muitos países à instabilidade política. Por várias décadas as classes sociais abandonadas pelo Estado foram coagidas quando queriam protestar. Talvez por este motivo, a impossibilidade de dizer, que Érico Veríssimo ressuscita mortos em Antares. No dia 13 de dezembro de 1963, mortos levantam-se de seus esquifes a fim de assombrar e dizer o que deveria ser dito quando estavam vivos.

3. O INCIDENTE

Menton afirma que existe nos romances históricos uma proposital distorção da história e da realidade. Isto pode ocorrer com exageros, com o absurdo, com o improvável dentro dos romances históricos. Denominaremos aqui, estas distorções, estes exageros e as distorções, mas ao mesmo tempo a conscientização da realidade como algo fantástico na obra. O fantástico, o acontecimento improvável e ao mesmo tempo a distorção da realidade, que ocorre em *Incidente em Antares* é a manifestação dos mortos contra os vivos, mas principalmente contra os monarquistas antarenses. A manifestação poderia ser possível pelas pessoas vivas contra os patriarcas, porém, como se observa, em Antares as pessoas não possuíam nenhuma mobilidade social, apenas aceitava o que era ditado como regra pelos coronéis da cidade. Os mortos, sabendo que nada sofreriam, ou seja, não sofreriam nenhuma repressão ou punição corporal, no máximo algumas repressões verbais, as quais também não os atingiriam, pois não havia mais com o que se preocupar, uma vez que estavam mortos. Os mortos decidem se manifestar, de julgar aquela podre sociedade.

O estranho acontecimento da manifestação dos mortos ocorre antes dos seguintes fatores, na segunda parte da obra. Dia 11 de dezembro de 1963 é anunciada uma greve geral em Antares. A greve fora anunciada pelos operários das três indústrias existentes na cidade. Para que houvesse mais volume de pessoas envolvidas, os trabalhadores das indústrias convidaram os comerciantes, os trabalhadores do transporte, da rede elétrica e outros serviços para fazer parte da manifestação. Os grevistas pensavam que teriam o direito de serem melhores remunerados pelo trabalho que faziam, além de ter condições de trabalhos melhores. O coronel Tibério Vacariano entra em contato com o governo do Rio Grande:

- _ É o governador. E aí quem fala?
- _ O Cel. Tibério Vacariano, de Antares. Desculpe le tirar da cama a esta hora, governador, mas a situação é muito séria.
- _ Que é que há coronel?
- _ Hoje ao meio-dia vai ser declarada uma greve geral em Antares: a indústria, comércio, transporte, força elétrica, serviços, ...tudo! a cidade vai parar por completo!
- _ Li ontem alguma coisa a esse respeito no *Correio do Povo*
- ...

_ Mas, doutor, estamos diante de uma calamidade! Já imaginou uma cidade parada, sem luz, sem água, sem transportes? Greve *geral!*
_ Pois é... sinto muito
_ Precisamos agir sem demora
_ De que jeito? A Constituição reconhece o direito dos trabalhadores à greve.
_ Mas isso não é uma greve e sim um princípio de revolução, parte de uma conspiração política esquerdista para tomar o poder pela força. (VERÍSSIMO. 1971, p. 192-193)

Nesta conversa o governador tenta convencer o coronel Tibério que estamos em uma democracia. Ao passo que o outro responde: _ *Democracia qual nada, governador! O que temos no Brasil é uma merdocracia.*

E continua

_ A situação não é mais para conversas, mas para ação. Quer que eu fale com franqueza? Chegou a hora do Exército Nacional entrar em cena, empolgar o poder em nome do povo, da tranquilidade geral e da justiça. O Brasil neste momento é um trem sem freios que se precipita a toda velocidade para o abismo. E o pior é que o maquinista e o folguista estão loucos varridos! (VERÍSSIMO. 1971, p. 194)

A cidade de Antares entra em desespero por causa da greve. As mulheres correm aos mercados e mercearias para não correr o risco de a família ficar sem os mantimentos. Antares três dias antes da greve dava impressões que seria sitiada.

No dia da Greve Geral, 12 de dezembro, sete habitantes da cidade morrem: uma das matriarcas da cidade, dona Quitéria Campolargo, pois não aguenta com a notícia da greve e morre do coração; o Dr. Cícero Branco, advogado da cidade, falece de hemorragia cerebral; e mais outros quatro, *gentinha sem muita importância* como é satirizado no romance - uma prostituta chamada Erotides, a qual morre por um descaso público em um hospital; o professor Menandro Olinda, suicida-se; José Ruiz, um sapateiro anarco-sindicalista; Pudim-Cachaça, o bêbado da região. E por fim a morte de um homem que muito nos interessa aqui, Sr. João Paz, morto durante um espancamento na delegacia, acusado de ser comunista e de estar chefiando o grupo dos 11. Após ser morto dentro da delegacia é enviado para um dos hospitais e o médico da cidade lhe dá uma certidão de óbito por embolia pulmonar ao que é enviado ao cemitério como indigente.

Estas pessoas acima citadas tiveram a infelicidade de morrer no dia em que ocorria a Greve Geral em Antares, por isso não tiveram cerimônia de serem enterrados, pois os coveiros não só entraram em greve como ajudaram a fazer um cerco na entrada do cemitério a fim de que ninguém entrasse, nem mesmo mortos.

Sendo assim, os familiares deixaram os corpos de seus entes do lado de fora do cemitério, com a promessa de que, quando findasse a greve, eles teriam seus corpos enterrados.

A matriarca da cidade, dona Quitéria, solicitou a suas filhas que fosse enterrada com algumas joias de família e alguns ladrões da cidade ao saberem desta notícia foram até o caixão roubá-las. Ao abrir o mortuário, olharam as mãos de Dona Quitéria e seus pulsos, nada encontraram; partiram então para o pescoço, e nada. Foram então conferir as orelhas e deram com o rosto de dona Quitéria e seus olhos abertos e de sua boca saía uma voz que dizia algo sobre o seu encontro com Deus. Os ladrões é claro, mais que depressa saíram correndo. Logo após esta cena, Dona Quitéria observa que não está em companhia de Deus, mas sim em seu caixão e que ela não estava só. Bateu no caixão que se encontrava ao lado e foi respondida. A matriarca abriu o caixão vizinho e encontra lá, morto em seu caixão, o Dr. Cícero Branco. Conversam sobre como morreram e dona Quitéria descobre que não foi roubada, pois Dr. Cícero Branco a informa que, em seu velório suas joias já não se encontravam em seu corpo morto. Começam a abrir os outros caixões que ali se encontravam. No começo se assustavam ao olhar uns com aspectos mais cadavéricos que os outros. Depois tiveram conversas filosóficas sobre a morte e entram em um acordo - teriam que ir até a cidade reivindicar o direito de ser morto dignamente - ou seja, o direito de ser enterrado. Aproveitariam esta volta à vida para também dar um “sustinho” em alguns familiares:

_ Se somos mesmo cadáveres, como se explica que estamos aqui falando, trocando opiniões e ideias... com a memória funcionando..._ indaga D. Quita, interrompendo a oração para os perdidos no mar, mas conservando o rosário entre os dedos.

_ Minha senhora _ responde o advogado _ eu não explico. Confesso que não sou versado em ocultismo, teologia ou espiritualismo. De tanatologia conheço apenas o que um advogado que se preza deve conhecer... No mais tenho lido livros da minha especialidade. Há milênios os melhores cérebros que a humanidade tem produzido vêm se debruçando sobre os mistérios da vida e da morte. Ninguém, que eu saiba, disse ainda palavra definitiva.

_ Menandro olha para as estrelas, cantarolando a frase inicial da *Appassionata*.

Cícero cita: “a vida é um longo hábito...”

_ No meu caso _ murmura o professor de piano _ um vício solitário e triste.

D. Quitéria olha para o céu:

_ Viver, para muitos, às vezes parece até uma espécie de cacoete. (VERÍSSIMO. 1971, p. 242)

Os mortos continuam a dialogar durante a madrugada, e em um determinado momento, afastados do grupo, João Paz e Cícero Branco trocam acusações. O advogado, Cicero Branco poderia ter defendido João Paz na delegacia, porém não fez nada.

_ Você sabe o que exatamente o que me aconteceu _ Por que não contou a verdade aos outro, seu canalha, indecente, corrupto, covarde!?

_ Joãozinho, contenha-se. Não me diga esses nomes feios. Você sabe que não posso nem sequer encabular, pois o sangue cessou de me correr nas veias.

_ Você sempre foi um assalariado do velho Vacariano e do Vivaldino Brazão. O testa-de-ferro dos negociatas desses dois crápulas. O foctótum. Como é que você pode ser assim tão insensível, tão amoral?

....

_ Não desconverse. Você sabe muito bem que não morri de pneumonia no hospital, mas fui, isso sim, assassinado na prisão. Você nega isso?

_ Não.
(VERÍSSIMO. 1971. p. 247)

Os mortos fazem um acordo: voltar à cidade para pedir que fossem enterrados. Mas é claro, iriam, antes de solicitar isto aos patriarcas, à casa de parentes e amigos, a fim de se despedirem e tirarem algumas satisfações com outros. Eles combinam de subir à cidade assim que a madrugada fosse embora. O sol nasce e os sete começam, como um comboio, subir rumo à cidade. Alguns moradores presenciam o que está ocorrendo e desmaiam. Os mortos se espalham pela cidade, uns caminham em direção a suas antigas residências, outros, como Pudim Cachaça, vai até o bar. O Dr. Cícero Branco chega até a prefeitura, como advogado dos mortos exigindo que fossem sepultados, caso isso não ocorresse os mortos ficariam no coreto, em meio a praça da cidade, reunidos até que tal feito fosse realizado.

Dona Quitéria encaminha-se até sua casa e ouve uma reunião entre os filhos e os genros e sente-se triste, pois os mesmo apenas falam sobre a divisão da herança e a divisão das joias que deveriam ir junto ao seu corpo. Uma de suas filhas começa a sentir um cheiro de rato morto e logo dona Quita aparece, para quase suicídio de alguns, com seu corpo putrefato, dizendo que o cheiro que sentiam era dela, mas quem estava podre mesmo eram eles.

Há algumas passagens tristes de reencontros e algumas cômicas. Quando João Paz reencontra sua esposa é uma cena dramática. Antes de reencontrá-la, encontra o Padre Pedro Paulo, que quando o avista mal o reconhece:

_ Não está me reconhecendo, padre?
 _ Joãozinho?
 ...
 _ Não se aproxime! Estou cheirando mal.
 ...
 _ Fui assassinado, você sabe... Estou preocupado com o destino de minha mulher e do nosso filho, que ela tem no ventre.
 Eu já não sentia mais o corpo. Quis dizer alguma coisa, mas não consegui, pois era como se a língua me tivesse inchado dentro da boca.
 _ Sabe onde está a Ritinha
 _ Em casa _ respondi com voz espessa, articulando mal as palavras.
 _ Visitei-a ontem.
 _ Como está ela?
 _ Desesperada. Sentindo falta de você.
 _ É verdade que ela foi presa e interrogada brutalmente pela polícia?
 Baixei a cabeça, olhei para a minha própria sombra, com uma súbita vergonha de pertencer à espécie humana.
 _ Desgraçadamente é verdade.
 _ Foi torturada?
 Senti uma tortura e a impressão de que ia cair. Fiz um esforço, mantive o equilíbrio e respondi:
 _ Perguntei isso à própria Ritinha, mas ela declarou que preferia não falar no assunto. Respeitei o desejo dela.
 (VERÍSSIMO. 1971, p. 292)

Padre Pedro Paulo é o pároco novo em Antares. É um padre que reconhece as atrocidades que Antares sofre e é de esquerda. Muitos em Antares não o apreciam. João Paz, assim como as pessoas de bem, não assustam seus amigos e familiares, pois morreram e não deixaram marcas de maldades, receios da podridão humana. É curioso pensar neste sentido, pois todos aqueles que faziam parte, de certa forma, da podre política de Antares aterrorizam seus familiares, no entanto, João Paz, Dona Erotides, Pudim Cachaça e Menandro Olinda não assustam ninguém. Não são passadas em nenhum momento cenas de susto, apenas cenas de tranquilidade, de gratidão, assim como vimos na passagem do padre e de João Paz.

Ao meio dia, após as visitas e alguns sustos, os mortos se reencontram na praça. Os próceres homens e os proprietários das indústrias tinham se reunido para decidir o que fariam com aquela estranha realidade e o que fariam com a greve. Ao meio dia, os mortos no coreto, o prefeito e os homens que o apoiavam se encontravam a uma distância aceitável dos mortos para não desmaiar por causa do cheiro dos mortos começam a trocar acusações. Cícero Branco parece até mudar de lado, faz acusações até de si mesmo. O prefeito começa a dizer:

_ Excelentíssima senhora D. Quitéria Campolargo!

_ Não reconhece a própria voz. B. Cícero Branco e demais def... digo, pessoas....a... mortas! Como prefeito desta cidade (“ai meu Deus – murmura para si mesmo num suspiro) _ recebi há mais ou menos quatro horas o requerimento de vosso advogado... circunstâncias alheias à vontade da prefeitura nos impedem a atender ao vosso justo pedido. (Juro como isso é um pesadelo, bem como os discursos que faço em sonhos, falo e não me ouço e continuo a falar e ninguém me escuta, quero parar e não consigo.) ..._ os grevistas cercam o cemitério e se mantêm irredutíveis na ... no propósito de vos manter insepultos até que a greve seja resolvida sasti...satisfas...digo satisfatoriamente para eles.
(VERÍSSIMO. 1971, p. 334)

O julgamento, como pode ser definida também está metáfora - Os mortos julgando os seres vivos. O prefeito e outros homens tentam convencer os mortos a fazerem papéis de mortos, os convidam a retornar ao cemitério aguardar o devido sepultamento quando a greve findar-se. Dr. Cícero Branco começa a falar:

_ Hipócritas! Eis o que sois... Vista deste coreto, do meu ângulo de defunto, a vida mais que nunca me parece um baile de máscaras. Ninguém usa (nem mesmo conhece direito) a sua face natural. Tende um disfarce para cada ocasião. Cada um de vós selecionou sua fantasia para a Grande Festa. (VERÍSSIMO. 1971, p.341)

Ficam durante horas a fio na praça e os mortos no coreto trocando acusações. Os comerciantes próximos da praça aproveitam para ganhar dinheiro neste tumulto. O caminhão da *Coca-cola* e o da *Pepsi-cola* vai passando para matar a sede das pessoas que ali se encontram. Os dois carregam a bandeira dos Estados Unidos e tocam uma musiquinha de realejo, dessa forma, denunciando a sociedade capitalista. Os mosquitos revezam seus pousos entre os mortos e os vivos. Há moleques pendurados nas árvores que vão em alguns momentos os homens de Antares, dando apoio aos mortos. A multidão na praça é a cada momento maior.

Dr. Cicero Branco diz:

É incrível – que só agora que estou morto e decomposto é que ousou dizer-vos estas coisas. Será que a verdade fede e é só da mentira que se evolvem doces perfumes da vida? Será que o famoso poço da lenda em cujo fundo se esconde a verdade, é feito de lodo e podridão?

O professor Libindo Olivares cobra coragem, afasta por um momento do nariz e da boca o lenço com que se defende dos miasmas dos mortos, e pergunta:

_ Mas o que é a verdade?

Cícero Branco fita no professor sua pupilas mortas e responde sorrindo:

_ Não me venha com esta paródia de Jesus diante de Pilatos, meu infável paranoico! Estou falando da verdade com v minúsculo. E você sabe o que é verdade? Não sabe porque vive uma mentira crônica. Falsa é a sua

moral. Falsa sua cultura. Falsa sua proclamada amizade e correspondência com celebridades mundiais como Sartre, Mauriac, Papa... sei lá mais quem! Seu latim é de ginasiano. Seu grego mitológico. Sua cultura, um produto de leitura das *Seleções do Reader's Digest*. (VERÍSSIMO. 1971, p. 344)

O professor Libindo é dado como o “grande pensador de Antares”, mas na verdade é um pedante, um demagogo. Segue os conceitos dos patriarcas, assim como é mandado por eles.

Cícero também faz acusações referentes ao Coronel Tibério Vacariano e ao Major Vivaldino Brazão de enriquecimento ilícito a custa dos cofres públicos e peculato. Cícero se acusa ao mesmo: *— Perguntareis com razão como é que conheço as patifarias desses dois próceres da nossa comuna, e eu responderei que é porque, quando vivo, pertenci à quadrilha! Sim, também fui um chicanista, um paculatário, em suma, um ladrão!* (VERÍSSIMO. 1971, p. 357) Cícero Branco faz muitas acusações que a comunidade de Antares nem imaginava. O prefeito pede um revólver e pede para prender aquele homem que realiza desacatos às autoridades.

Barcelona, o anarco-sindicalista, começa a falar para a sociedade de Antares. Ele desmoraliza vários casais, pois era de seu saber que muitos deles viviam somente de aparência, uns traíam os outros. Inicia seu discurso desta forma: *— Não sou nenhum moralista. Não penso como os “pilares” da sociedade burguesa que localizam a moral entre as pernas das pessoas. Para mim existe outra moral mais alta, que é a social, a responsabilidade do homem para com o homem.* (VERÍSSIMO. 1971, p. 358)

Cícero anuncia que a testemunha mais importante iria depor e diz ao João Paz que havia chegado a sua vez de dizer o que os próceres homens de Antares e o delegado fez com ele. O delegado era Inocêncio Pigarço, o qual olha para o seu filho, que conversa com o padre Pedro Paulo. O sol bate na face de João Paz e ele vem arrastando a perna quebrada para aproximar-se do advogado. Quando algumas pessoas conseguem perceber a situação daquele homem quase irreconhecível, há exclamações de repugnância e até de piedade. Cícero começa a contar às pessoas o porquê da desfiguração daquele homem:

— Me digam se alguém reconhece nesta face quase reduzida a um mingau de carne batida a fisionomia do nosso Joãozinho Paz! Dr. Falkenburg! Dr. Lázaro! Médicos de Atares! Será assim que ficam sempre os que morrem de embolia pulmonar?

Um pesado silêncio segue-se a estas palavras.

...

Joãozinho, imóvel, parece olhar para parte nenhuma.

_ Estão vendo esse olho fora da órbita? _ Pergunta Cícero Branco.

_ Parece um ovo de codorna ...sim, esse sangue coagulado que tem por cima lembra catchupe seco... Se me perdoam pelo mau gosto da metáfora, as pálpebras e a pele ao redor dos olhos de Joãozinho lembram uma folha de repolho roxo. Guardem essa imagem para se lembrarem dela sempre à hora das refeições. *Um ovo de codorna em cima numa folha de repolho roxo.* É um excelente processo mnemônico e plástico (sinistra natureza morta) para não esquecer as crueldades de nossa polícia.

Tibério Vacariano ergue a mão:

_ Basta de infâmias!

_ Agora, senhora e senhores _ continua o advogado – Usem a imaginação. O prisioneiro depois de toda essa violência recusa ainda falar. Já desmaiou de dor duas vezes e foi revivido com água gelada. Na fase seguinte aplicando-lhe pauladas no corpo todo e o resultado é um braço quebrado. Em três lugares. Vejam.

_ Mas o interrogatório continua... Vem então a fase requintada. Enfiam-lhe um fio de cobre na uretra e outro no ânus e aplicam-lhe choques elétricos. O prisioneiro desmaia de dor. Metem-lhe num balde água gelada e, uma hora depois, quando ele esta de novo em condições de entender o que lhe dizem e de falar, os choques elétricos são repetidos. (VERÍSSIMO. 1971, p. 369)

João Paz não consegue proferir nenhuma palavra sobre os acontecimentos daqueles dias de torturas, apenas vai concordando com Cícero. O psicológico do sofrimento das torturas certamente estaria afetado após tantos maus tratos. As pessoas que sobreviveram repressões pós-64 relatam os episódios com dor. Ainda hoje temos dificuldades de encontrar relatos dos maus tratos do Estado Militar que, como Veríssimo expõe, têm início antes mesmo do Golpe de 64, como alguns livros de história e outros documentos comprovam.

Como podemos perceber, Érico Veríssimo recorre à literatura fantástica para enunciar a greve, o fantástico para realmente dizer o que era proibido dizer ou como se deveria agir, pois há uma impossibilidade, como já citamos anteriormente, de dizer, de manifestar pensamentos contrários ao pensamento do governo neste período que segue até a década de 80.

Veríssimo simboliza a pequena Antares a fim de denunciar o Brasil ao próprio povo brasileiro. Revelando seus políticos e a sua forma de governo. Em 1971, quando o autor escreve a obra, ainda estávamos em uma ditadura militar. Neste período tínhamos o que chamavam de autocensura, se o autor achasse que a obra iria ser censurada pelo DOPs, ele, o autor, que, por favor, a censurasse, ou seja, não desse seguimento à impressão e ao trabalho do DOPs de censurá-la. Érico

Veríssimo nega-se fazer isto com sua obra prima, *Incidente em Antares* e o livro passa pela censura. Na orelha do livro o autor afirma: *Desta vez abri a veia da sátira e deixei o sangue escorrer livre e abundantemente.*

4. O ESQUECIMENTO DO POVO PARA MELHOR GOVERNAR

A população em Antares no geral é extremamente pacata até o dia 13 de dezembro de 1963. A população jamais se revolta contra a politicagem dos Vacarianos e dos Campolargos. Seus filhos, netos e conhecidos ocupam cadeiras de poder em Antares. A população parece não avaliar o que ocorre na cidade, estão muito ocupadas com seus afazeres. Mulheres são belas donas de casa, seus filhos frequentam a escola e alguns possuem a sorte de ir estudar na faculdade de Porto Alegre quando terminam o secundário. Tudo está muito bem em Antares, uma vez que ninguém se preocupava, apenas os chefes políticos têm voz.

Há um jornalista na cidade, Sr. Lucas Lesma, que apesar de apresentar condições para tornar-se o grande herói na trama frustra a expectativa. E podemos nos perguntar: por quê? E a resposta, se consultarmos qualquer livro, até os mais incompletos da historiografia nacional, diz o quanto pessoas que tentavam divulgar acontecimentos para que a população não fosse como a de Antares sofreram outras foram mortas. Lucas Lesma – jornalista e dono do jornal, que de forma irônica tem o nome de - *A verdade* - não divulga nada o que ocorre politicamente em seus jornais diários, pois é comprado, talvez se sinta ameaçado, por todos que compõe o governo e principalmente os patriarcas da cidade. O que é divulgado em - *A verdade* - passa pelo crivo político. Seu jornal fundamenta-se em fofocas e fatos corriqueiros.

O diretor do jornal é um tipo curioso. Dá uma impressão de fluidez, é um homem que, como os líquidos, toma a forma do vaso que os contém, isto é, da pessoa com quem o fala ou a quem serve. Meia-idade, alto (em termos brasileiros), moreno, calvo, pele oleosa, vaselina na voz, nos gestos e nas ideias. Sua alcunha na cidade é Lucas Lêsma porque – explicam – a lesma é um animal capaz de arrastar-se sobre o fio duma navalha sem se cortar e sem cair para um lado nem para outro. Conta-se que Lucas Faia tem passado a vida a rastejar incólume sobre o gume da espada afiadíssima da política e de mil outras contendas municipais. “Um molusco” – dizem seus inimigos. “Um espírito conciliador” – corrigem os seus amigos. “Um pulha”! (VERÍSSIMO. 1971, p. 158-159)

Lucas Faia é descrito desta forma pelo professor Martim Francisco Terra, o qual está na cidade fazendo análises sociológicas juntamente com alguns de seus alunos, que são apelidados de gafanhotos. Os grandes homens de Antares permitiram que a pesquisa fosse realizada pelo fato de haver frustrações em relação ao nome de Antares não fazer parte de nada, nem mesmo do mapa do Rio Grande do Sul. Para melhor compreendermos, estamos em 1963 e esta pesquisa ocorre na primeira parte do livro. Durante a pesquisa uma grande atenção é dada a comunidade da Babilônia, mas esta atitude indignam os patriarcas. Os gafanhotos começam a sofrer ameaças por meio de cartas anônimas, mas a pesquisa continua por cinco semanas. O objetivo da pesquisa era a escrita de um livro a ser publicado sob o nome *Anatomia duma Cidade Gaúcha de fronteira*, cujo lançamento foi em 1965.

Os próceres homens de Antares revoltam-se ao ler a *Anatomia*. Reunidos na prefeitura a portas cerradas, o Major Vivaldino, o prefeito o coronel Vacariano, o qual havia lido algumas páginas da *Anatomia*, mas não a compreendeu, Lucas Lesma, entre outros. Todos, com livros em mãos, começam a ler, em voz alta, partes que os deixaram indignados:

O prefeito tirou o livro das mãos de Lucas Faia, um tanto abruptamente, abri-o numa outra página e disse:

_ No capítulo *Hábitos e tabus Alimentares* esses canalhas criticam a maneira como nós comemos em Antares. Prestem bem atenção nesta tirada e me digam se não é coisa de comunista: “Os pobres não comem porque não tem dinheiro para comprar gêneros alimentícios. Os remediados comem pouco e mal. Os ricos comem demais e errado”. -... Durante o forte do verão, nos dias de maior calor, devoram feijoadas completas.” Pois isso é comigo, senhores. Num gesto de boa vontade convidei o Prof. Martim Francisco para almoçar na minha casa e lhe ofereci uma feijoada. E o ingrato se valeu disso para me ridicularizar. (VERÍSSIMO. 1971, p. 137-138)

Lucas Faia sugere aos demais que deveria ser publicado um memorial para os jornais de todo o país a fim de rebater as *infâmias sobre a nossa terra e a nossa gente*. Outros dizem que não poderiam fazer isto, pois aguçaria a vontade das pessoas de comprar o livro.

4.1. É PROIBIDO DIZER

O Brasil sofre em rota da sua própria história, pois, por falta de conhecimento sobre ela, sua reconstrução torna-se inviável; seu presente muitas vezes sem sentido e o futuro sem perspectivas, pelo fato de o passado ser obscuro. Podemos pensar que a história de nosso país é desconhecida, entre outras razões, pelo fato do árduo período em que a imprensa sofreu censuras, era manipulada e julgada pelo governo. Isto ocorreu e ainda sofremos pela falta de informação do passado, e as pessoas, as quais viviam neste período, também sofreram, quando não morreram tentando dizer o que pensavam sobre o Estado, sobre o país, sobre o governo. Era proibido dizer, escrever, expressar pensamento diverso ao Estado. No governo Vargas houve grande coerção social por meio da imprensa:

O período conhecido por Estado Novo, que vai de 10 de novembro de 1937 (promulgação da nova Constituição) a 29 de outubro de 1945 (deposição de Vargas), permanece envolto em uma nuvem de relativo esquecimento. O espírito da redemocratização que marcou o pós-45, aparentemente, jogou uma pá de cal no período anterior, na suposição de ter sido uma época de exceção que deve ser esquecida o mais rapidamente possível. Nada melhor que o silêncio para garantir o esquecimento. (OLIVEIRA. 1982, p.7)

Em 1939 foi criado pelo governo o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Este órgão do governo é criado neste momento para benefício do próprio governo, além de reprimir quem quisesse expressar algo contrário ao pensamento do governo. Antes de 1931 o governo já tinha uma preocupação com a própria imagem, pois abriram o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), a fim de fechar as portas de imprensas de ideias comunistas.

O DIP era composto de setores de divulgação radiofônica, turismo, teatro, cinema. Responsáveis pelas promoções, organizações, festas públicas, festas populares, atos comemorativos oficiais ou cívicos. Bem como a censura de jornais, revistas, cinemas, teatros, livros e diversões públicas. Tania Regina de Luca¹ define o DIP como *máquina de coerção do Estado Novo, que mantinha o estrito controle sobre a vida cultural do país e determinava seus rumos*. (OLIVEIRA. 1982, p.7)

¹ As revistas de cultura durante o Estado Novo: problemas e perspectivas. Autora também do livro: Leituras (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944) Ed. UNESP 2011.

Em *Incidente em Antares* não são citados em nenhum momento estes dados referente ao DOP ou ao DIP. O autor faz referências ao governo e as suas substituições, como por exemplo, a morte de Getúlio Vargas, seus sucessores, a posse de Juscelino Kubichek, João Goulart. Realiza insinuações sarcásticas referentes a cada governo e seus modos peculiares de administração. Não faria sentido também se ele fizesse de outra forma, para isto temos nossos compêndios históricos, que nos auxiliam em tal pesquisa.

Buscamos todas estas referências para compreendermos o final da história do incidente. Após os mortos se darem por vencidos, voltam ao cemitério, no sábado pela manhã, e são enterrados com receios.

Repórteres e fotógrafos de Porto Alegre e jornalistas dos jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, da *Folha da Tarde* e da *Última Hora* e cinegrafistas da *Televisão Gaúcha* chegam à prefeitura de Antares no início da tarde do mesmo sábado. Eles queriam publicar o que escutaram falar de Antares. Toda a história foi encoberta pelos políticos, então, não cabia a eles acreditarem nos relatos que ouviram da população.

Preocupados com o *edifício social* daqueles que foram desmoralizados em praça pública, uma reunião foi convocada às pressas. O prefeito estava extremamente preocupado com o comportamento dos antarenses após o incidente e disse que deveria haver um *remédio para apressar a cura das consequências dum grande choque emocional*. (VERISSÍMO. 1971, p. 460). Nesta reunião o professor Libindo Olivares, demonstrando seu pensamento fascista, e a sua leitura, recomenda uma *Operação Borracha*, que significaria apagar das mentes dos antarenses os fatos decorridos, uma vez que a sua comprovação seria impossível. Rebatendo o papel social frustrado de Lucas Lesma, que defendia a opinião de que a população estaria interessada e seria até mesmo bom para Antares ser notícia no mundo todo, o professor contesta-o dizendo que as pessoas, principalmente aquelas que tiveram seu *Edifício Social* prejudicado pelos mortos, deveriam receber algo para esquecer o que havia se passado. O presidente do Rotary e do Clube Comercial sugerem um banquete para aqueles que sofreram com os insultos e uma grande festa do esquecimento é realizada.

Este procedimento de censura no Brasil foi dado, segundo registros, a partir de 64 até 1985, entretanto, sabemos das diversas dificuldades que o Brasil tinha

desde o início do século XIX com a imprensa e a questão da constituição de uma Nação livre e verdadeiramente democrática.

Assim como há os jornalistas contrários o estado militar, havia aqueles que davam apoio, que colaboravam para tal regime continuar. Fico² comenta a dificuldade de acesso aos documentos secretos da ditadura militar, os quais foram abertos somente em 1990. Antes de estes documentos irem a público tínhamos os relatos de jornalistas e de pessoas que faziam parte de algum grupo de esquerda. Para pensar ainda nas dificuldades de se fechar as feridas deixadas pela ditadura militar, foi aberta, em 2012, a Comissão Nacional da Verdade, com o objetivo de colher depoimentos daqueles que tiveram seus direitos violados entre o período de 1946 a 1988. Infelizmente não haverá punições para aqueles que torturavam e ainda encontra-se com vida, mas haverá o que de mais importante há para uma Nação, a sua própria história.

Ainda é comum ver-se destacado o papel dos órgãos que sofreram com a tortura ou a atuação de profissionais que procuraram negaceá-la. Esta é uma dimensão verdadeiramente importante, pois chama a atenção para o trabalho de órgãos e de jornalistas de oposição que combateram a ditadura, como Movimento, Opinião, O Pasquim, Folha da tarde de certa época ou Estado de S. Paulo. (FICO. 2003, p. 189)

Veríssimo recorre ao fantástico para dar voz aos calados. Ele realiza um jogo entre o real e o imaginário, e propositalmente, dá voz àqueles que não a possuíam: à sociedade de Antares, à sociedade oprimida do Brasil. Neste sentido, a voz dos mortos era a voz não dita pelo povo, e, raramente, quando dita, não ouvida, nem pelo povo e nem pelas autoridades. Menton afirma que alguns dos elementos do Novo Romance Histórico são as distorções, as omissões e exageros propositais. Veríssimo utiliza estes meios para dar luz à história vista e sentida pelas pessoas comuns. Veríssimo percorre mais da metade da obra descrevendo, revelando, satirizando os absurdos da pequena cidade interiorana e tradicional do Rio Grande por meio da voz simbólica de mortos.

Os mortos, desse modo, são os protagonistas da história de Veríssimo, pois, Menton afirma que, diversa da literatura de Scott o Novo Romance Histórico utiliza personagens históricos como protagonistas No caso de *Incidente em Antares*, os

² Professor adjunto do departamento de História da Universidade do Rio de Janeiro.

protagonistas do romance são as pessoas, o povo, representado pelos mortos, uma vez que os vivos eram impedidos de dizer, de pensar, de expressar-se.

Por um momento, o Novo Romance Histórico retira a voz daqueles que já fizeram o discurso e já foram muito escutados e dá voz àqueles que foram impedidos de falar ou de serem escutados. A relevância do pensamento de Bakhtin faz sentido por segundo ele toda linguagem é dialógica, ou seja, cada fala funciona como réplica ao discurso. A história que é revelada neste manifesto dos mortos, não poderia ser encontrada em muitas das historiografias, mas a literatura, metaforicamente, por meio do plurilinguismo, não permitido naquele período, faz com que a história das pessoas da história realmente seja reconhecida de alguma forma. Sendo assim a literatura consegue fazer seu papel social na história. A Literatura, por meio do seu discurso, leva o conhecimento, um novo olhar, um novo sentido à história de muitos esquecidos, porque não enunciada nos materiais da historiografia.

O plurilinguismo pode ser compreendido como as línguas das pessoas que falam, ou das pessoas que possuem voz neste romance. Não há neste romance uma única forma de dizer, seu discurso não é único, estanque, pois, podemos observar várias linguagens no texto. As pessoas falam a sua linguagem do dia-a-dia. O narrador muitas vezes evita falar para que a voz dos personagens tenham significados.

A voz, por exemplo, do Coronel Vacariano é uma linguagem mais rude, com alguns erros normativos, parece que ao ler a narrativa escutamos até o seu sotaque gaúcho. Quando vamos para a fala do professor Martin Terra ou do Padre Pedro Paulo é perceptível a diferenças de fala, eles possuem mais instrução e seu discurso é politicamente de esquerda. As mulheres, por exemplo, possuem poucas falas, a que mais possui voz no romance é Briolanja, esposa de Tibério Vacariano, marcando aí a falta de voz feminina do período. Nada é estanque na linguagem do romance, para Bakhtin, as linguagens necessitam surgir de forma descentralizada, desunificada. Repudia-se a linguagem “centralizadora”, a “estabilidade” e a “objetividade”, estas desconsideram as formas de linguagem ambígua, a linguagem polissêmica e a ideológica. É perceptível nesta narrativa as várias vozes e os valores que estas vozes possuem no romance.

Os políticos sempre possuem mais poder de voz até a chegada dos mortos, os quais representam toda uma sociedade calada. Metaforicamente estas vozes, apesar de tomar conta de quase toda obra são encobertas pelas vozes de pessoas que possuem poder econômico e político maiores. Ou seja, linguagem é poder, não somente em romances, mas estes apenas representam o que é real. Sofremos a todo instante com o poder da voz. No plurilinguismo uma voz quer sempre camuflar a outra, e isto gera o dialogismo.

O discurso da política tradicionalista do Brasil, dentro deste período em qual estamos a observar, estava em uma tentativa de também ser desconstruído pelos partidos de esquerda, assim como o discurso dos mortos surge como uma tentativa de combater o discurso oficial de Antares. O discurso feito pelos mortos de Antares surge como uma possibilidade de revelar Antares; eles retiraram, ou fizeram a tentativa de retirar de cima da cidade a nuvem que a tornava obscura. Faz uma tentativa de que as pessoas tornem-se conscientes sobre os acontecimentos da sociedade. Bakhtin teoriza sobre a questão dialógica do discurso e reflete que: “qualquer objeto “desacreditado” e “contestado” é aclarado por um lado e, por outro, é obscurecido pelas opiniões sociais multidiscursivas e pelo discurso de outrem dirigido sobre ele” (BAKHTIN, 2002). Os personagens mortos, ainda que mortos, possuem a voz e esta voz faz com que eles a direcionem para as pessoas e as conscientizem. O discurso proferido pelos mortos jamais poderia ser dito, principalmente em praça pública, por pessoas comuns. Os personagens, ou os sujeitos que falam no romance, são, possivelmente, muito pensado pelo romancista, portanto, eles são sujeitos concretos, assim como o discurso dirigido a Antares é histórico, ou seja, Veríssimo representa por meios concretos o que realmente estava ocorrendo no Brasil getulista e pós-getulista. Os significados extraídos do discurso dos mortos são densamente significativos para a história nacional.

O sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social*, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que embrião), e não um “dialeto individual.” O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individual são, por si mesmos, indiferentes para o romance. As particularidade das palavras dos personagens sempre pretendem uma certa significação e uma certa difusão social: são linguagens virtuais. (BAKHTIN, 2000, p. 135)

O discurso realizado no coreto é sufocado, é posta uma nuvem cinza sob Antares após algum tempo, por meio do discurso daqueles que obtinham o poder. E

Antares, passivamente, acolhe aquele velho discurso, como se fosse a melhor coisa a fazer. Bakhtin também comenta este aspecto do discurso passivo a qual Veríssimo expõe o povo – *O locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte.* (BAKHTIN, 2000, p. 91). Quando temos um locutor aperceptivo qualquer discurso está bom, pois ele não tem outro discurso para que ocorra o questionamento, ou a não aceitação do discurso dado, ele se basta, portanto, em aceitar o discurso do outro e o dialogismo não ocorre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de romances históricos contribui para uma Nação mais reflexiva, além de mais crítica, mais sábia, pois esta Literatura pode fornecer e contextualizar contextos históricos, visões históricas muito diferentes daquelas aprendidas em bancos escolares ou em livros didáticos e também em materiais historiográficos. Sem querer substituir estes materiais, mas sim com a ideia de utilizar o romance histórico como outra fonte da história para o conhecimento da história.

Não nos prendemos nesta pesquisa na questão que alguns críticos literários defendem sobre um romance ser ou não histórico, pois alguns críticos não consideram que um romance seja histórico se este foi escrito em um tempo vivido pelo autor, mas sim somente aquelas ficções que foram escritas em um tempo histórico não vivida pelo autor. Atemo-nos aqui nas palavras de Lukács, o qual defende que para um romance histórico ser considerado romance histórico ele deve apresentar a sociedade contribuições, no sentido de a sociedade repensar tal período. Alguns outros pensadores, como Linda Hutcheon (1991), para quem não há uma delimitação de tempo no romance histórico pós-moderno, que ela denomina metaficção historiográfica, pode haver paródias e ironias e tanto a ação narrada pode ocorrer em um passado distante quanto em um passado recente. Para Lukács esta questão de tempo do autor e tempo da obra parece não ficar muito claro, o que ele esclarece ser determinante para um romance ser considerado histórico é a forma que a representação literária afeta a coletividade. Outro aspecto também elencado por ele é que os personagens não podem ser históricos, no sentido de ser uma figura histórica, podem sim aparecer, como Veríssimo realiza, mas seus personagens principais devem ser medianas, populares e participarem efetivamente de uma coletividade e também de um destino histórico-social. Estes personagens devem agir diretamente na história, enquanto as personagens históricas devem ser secundárias, pelo fato de serem elementos que atuam diretamente na história. Menton defende que para um romance ser considerado um romance histórico há necessidade da história representada pelo autor não ser vivida pelo mesmo.

Como observamos, o passado em *Incidente em Antares* foi vivido por Érico Veríssimo e seria, talvez, uma falha nossa pensarmos que esta obra, a qual retrata um período essencial para o crescimento do Brasil não fosse considerada um

romance histórico. Lukács defende que para um romance ser considerado um romance histórico seria essencial este apresentar relevância para o crescimento intelectual de uma nação, a forma que a mesma foi recebida pelo público, assim como não abordar na obra a história com um olhar voltado para os grandes vencedores das batalhas, mas sim para aquele que fizeram parte das batalhas. Outro fator que o teórico elenca também, a qual Érico Veríssimo também expõe em sua obra, é a questão da pré-história do presente ser essencial para conectá-la ao presente que o autor esteja retratando.

A partir da análise da obra de Érico Veríssimo conseguimos visualizar a questão dialógica e também do plurilinguismo pautando-se em teorias bakhtinianas. Podemos perceber como este teórico também valoriza a questão histórica do discurso, assim como Lukács e Menton.

Bakhtin em relação ao discurso do autor comenta que: *a voz do autor é a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz. (BAKHTIN, 2002, p. 87)*. A obra *Incidente em Antares* foi escrita e lançada para o público em 1971 e pelo discurso que Érico Veríssimo enuncia em sua obra pode-se compreender que ele é um indivíduo que estava lançando uma tentativa de diálogo e uma conscientização democrática ao seu país. Podemos perceber a sua voz nas vozes de alguns personagens, principalmente, na voz de João Paz e a sua visão de mundo, a qual a política queria restringir cada dia mais.

REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1972.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In. *O Brasil republicano. Vol. 4 O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.

IBGE – Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm> acesso em 15/01/2013

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2011.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: Ed. Fonte de Cultura Econômica, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Angela de Castro. *Estado Novo, ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*, p. 13-14. Porto Alegre: Ed. Globo, 1971.